



Anatomia da desinformação: uma proposta taxonômica para análise do fenômeno

Simone Dias Marques¹

Palavras-chave: comportamento informacional; desinformação; fake news; taxonomias.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação tem como objetivo interpretar as propriedades e os comportamentos da informação, bem como analisar o fluxo informacional e os diferentes modos de seu processamento (Capurro, 2003; Shera e Cleveland, 1977). Neste aspecto, permite não apenas identificar os padrões de disseminação da desinformação, mas também formular intervenções que promovam a veracidade e a integridade da informação, “um elemento indispensável no convívio humano”, conforme Capurro e Hjørland (2007).

Assim, é dever da CI investigar e ajudar a comunidade científica no entendimento do problema, propor diretrizes para estudar esses fenômenos informacionais e oferecer possíveis soluções para identificar formas de amenizar os efeitos danosos da desinformação. Com este propósito, entendemos que a compreensão de sua estrutura lógica pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de ações de enfrentamento no campo da CI.

Diante desta perspectiva, este artigo propõe uma taxonomia para decompor os fenômenos de desinformação a partir da análise da estrutura de componentes de alguns fenômenos de desinformação. Foi empregada uma abordagem exploratório-descritiva, que incluiu a aplicação de um questionário não estruturado de entrevistas. Os depoimentos, não conclusivos, mostraram a dificuldade de memorização e reconhecimento de *fake news* e desinformação.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCIN) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Como apontado por diversos estudos e iniciativas², enfrentar a desinformação, as *fake news* e outras deformações informacionais se tornou um desafio real e urgente. A crescente sofisticação tecnológica da propagação de informações falsas, em parte ou integralmente, distorce fatos de forma intencional, causando efeitos deletérios que corroem o ambiente democrático e minam a confiança na ciência e nas instituições de conhecimento.

Como observa Schneider (2022, p. 79), tais práticas desinformacionais se situam em uma complexa dialética entre verdade e mentira, envolvendo níveis semântico, sintático, pragmático, psicológico e sócio-histórico que, “de modo articulado, remetem a problemas lógicos, retóricos, cognitivos, estéticos e ético-políticos”. No entanto, o autor observa que ainda não há uma taxonomia rigorosa na literatura especializada para identificá-las e classificá-las.

Por outro lado, ao examinar os padrões de compartilhamento de informações nas redes sociais, estudos já demonstraram que a falsidade possui uma propensão significativamente maior à disseminação em comparação com a verdade. Notabilizados por suas contribuições ao entendimento da desinformação, os trabalhos Friggeri *et al.* (2014) e, mais recentemente, de Vosoughi *et al.* (2018) trouxeram evidências empíricas sobre as tendências de propagação de rumores falsos e verdadeiros em redes sociais, chamando a atenção para a rapidez e facilidade de difusão da falsidade. Destacamos aqui o estudo de Vosoughi (2018)³, o

2 *Desafios e estratégias na luta contra a desinformação científica*. Academia Brasileira de Ciências (2024). Em: https://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2024/06/Livro_-_Desinformacao-Cientifica-ABC_Junho2024.pdf. *Na corrida pelos fatos: Pesquisa treina algoritmos para identificar notícias falsas*. Universidade Federal Fluminense (2024). Em: <https://www.uff.br/?q=noticias/09-07-2024/na-corrida-pelos-fatos-pesquisa-treina-algoritmos-para-identificar-noticias>. *Global views on AI and Desinformation*. Ipsos (2023). Em: https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-11/Ipsos_Global_Views_on_AI_and_Disinformation_full_report.pdf. Poliedro: Ações articuladas para o enfrentamento da desinformação e seus impactos na ciência. Em: <https://www.minerva.ibict.br>.

3 O estudo de Vosoughi *et al.* (2018) verificou a difusão diferencial de notícias verdadeiras e falsas distribuídas no Twitter de 2006 a 2017. Os dados compreendem aproximadamente 126.000 cascatas de notícias tuitadas por cerca de 3 milhões de pessoas mais de 4,5 milhões de vezes. A classificação utilizou parâmetros de seis organizações independentes de verificação de fatos.



qual se concentrou no Twitter e concluiu que informações falsas se espalham com mais velocidade. No modelo probabilístico utilizado na pesquisa, as falsidades tinham 70% mais chances de serem retuitadas do que a verdade.

“Quando analisamos a dinâmica de difusão de rumores verdadeiros e falsos, descobrimos que a falsidade se difundiu significativamente mais longe, mais rápido, mais profundamente e mais amplamente do que a verdade em todas as categorias de informação [...] A falsidade também atingiu muito mais pessoas do que a verdade. A verdade levou cerca de seis vezes mais tempo do que a falsidade para atingir 1500 pessoas e 20 vezes mais tempo do que a falsidade” (Vosoughi et al., 2018, p. 1147).

Além disso, ao analisar a atividade de *bots*, os autores concluíram que os humanos são mais propensos a espalhar informações falsas devido à sua novidade, característica que as torna surpreendentes e valiosas “tanto de uma perspectiva da Teoria da Informação quanto da perspectiva social”, na medida em que transmite o *status* de que se está “por dentro” ou se tem acesso a informações “internas” exclusivas (Vosoughi et al., 2018, p. 1149).

Cabe salientar que toda informação de caráter humano possui um vetor intencional, uma vez que é um ato pragmático da linguagem e comunicação. Conforme Capurro e Hjørland (2003), “quando usamos a linguagem e as palavras, executamos uma ação com o intuito de realizarmos algo”. Para Biderman (1998, p. 88) *apud* Laipelt e Monteiro-Krebs (2021), “as palavras podem ser consideradas como etiquetas para o processo de categorização.” Ou seja, é por meio das palavras que as pessoas processam as informações que recebem e transmitem, e é a partir delas, também, que a organização e a estruturação cognitiva de seus conhecimentos são armazenadas e condensadas.

“A categorização feita pelas pessoas é um processo de organização cognitiva baseado em diferentes critérios, que podem ser o uso feito de algum objeto, algum aspecto de um objeto, a emoção provocada por algum objeto em quem o vê e assim por diante. Envolve, dessa forma, processos



individuais e sociais que podem levar os referentes das palavras a mudar. Assim, as categorias estão sempre abertas a mudanças” (Biderman, 1998, *apud* Laipelt e Monteiro-Krebs, 2021, p. 29).

Se as palavras são vetores de comunicação, a ausência delas também desempenha um papel significativo nas dinâmicas relacionais, conforme os axiomas propostos por Watzlawick *et al.* (1973). A teoria da pragmática da comunicação humana afirma que “é impossível não comunicar”, pois toda interação carrega um valor comunicativo. Assim, omissões, não-ditos ou o silêncio não são meros hiatos de expressão, mas também transmitem mensagens e influenciam nas experiências e percepções mundo. Em suma, mesmo a falta de resposta comunica algo.

Tendo em vista este arcabouço, em um esforço para propor uma taxonomia para contribuir para a análise do fenômeno da desinformação, lançaremos mão a seguir dos esquemas de Epstein (2003), que baseou-se nos axiomas de Watzlawick *et al.* (1973) para desenvolver os conceitos de Código Forte, Código Fraco e Código Paradoxal. Cada um deles possui características distintas que influenciam a forma como as mensagens são transmitidas e interpretadas:

Código Forte: É caracterizado por uma comunicação clara, assertiva e direta. As mensagens são formuladas de maneira a transmitir convicção e certeza, sem ambiguidade. Exemplo: “Você precisa entregar o relatório até sexta-feira.”

Código Fraco: É marcado pela hesitação e falta de clareza e pode ser interpretado de várias maneiras. Exemplo: “Talvez você pudesse pensar sobre a entrega do relatório.”

Código Paradoxal: As mensagens contêm contradições ou ambiguidades que criam confusão e desorientação no interlocutor, um conflito entre a ação e a inação. Exemplo: “Você deve agir, mas não faça nada até que eu diga.”

Esses esquemas ajudam a entender como diferentes formas de comunicação podem afetar a interpretação e a eficácia das mensagens. Para os fins desta análise, destacamos o Código Paradoxal, que pode levar à confusão e à paralisia de



respostas, tal como se verificou nas respostas ao questionário. Ademais, entende-se que este modo está presente em contextos de desinformação e *fake news*, conforme explicado a seguir.

Segundo Epstein (1993), o Código Paradoxal é “uma anomalia” definida como “uma ordem contraditória que, em certas circunstâncias, é emitida em dois níveis de linguagem” e cujos efeitos sobre as pessoas podem assumir um caráter idêntico ao de transtornos mentais. Este fenômeno linguístico foi estudado pelas ciências do comportamento a partir das pesquisas de Gregory Bateson, dando origem à Teoria do Duplo Vínculo, a qual pode “[...] provocar efeitos patológicos nos pacientes sujeitos a determinados padrões de comunicação” (EPSTEIN, 1993).

“A tese de Bateson e seus companheiros era de que, quando uma pessoa se encontrasse frequentemente encurralada numa situação de duplo vínculo, sua resposta defensiva seria semelhante às atitudes e respostas usuais de indivíduos considerados como esquizofrênicos: confundir frequentemente o literal com o metafórico, supor que atrás de cada enunciado há um significado persecutório, aceitar tudo o que lhe é dito ou isolar-se da comunicação” (Epstein, *op. cit.*, p. 66).

Portanto, assumimos que o conceito de Código Paradoxal pode ajudar a explicar por que as pessoas podem ter dificuldade em lembrar de palavras ou fatos apresentados em *fake news*. Aqui estão algumas razões (WATZLAWICK, 1973 *apud* SAID *et al.*, 2017):

- **Ambiguidade e confusão:** Quando as pessoas são expostas a informações que não fazem sentido ou que se contradizem, o distúrbio resultante pode levar à fraca ou nenhuma retenção sobre o que foi emitido, gerando o colapso para evitar enunciados que não se encaixam em um contexto lógico ou que geram incerteza.
- **Desconexão emocional:** *Fake news* utilizam apelos sensoriais ou narrativas sedutoras que, quando baseadas em paradoxos ou contradições, afastam a conexão emocional. Embora as pessoas possam reagir ao conteúdo, a falta de



clareza e coerência pode impedir que elas internalizem ou lembrem do que foi comunicado.

- **Efeito de repetição:** A desinformação pode ser disseminada de forma rápida e repetitiva, mas se contém paradoxos, dificulta a fixação da mensagem na memória. A retenção de informações depende de uma compreensão clara e lógica.
- **Dissonância cognitiva:** A exposição a informações paradoxais causa desconforto ao tentar reconciliar dados conflitantes ou crenças. Para resolver esse mal-estar, as pessoas podem optar por ignorar ou esquecer informações difíceis de conciliar.
- **Falta de contexto:** Geralmente, as *fake news* carecem de contexto claro ou de uma base factual sólida, sem os quais a compreensão e a lembrança podem estar ausentes, resultando em uma memória fraca ou distorcida.

Na abordagem do Código Paradoxal, as ambiguidades e contradições semânticas tornam a interpretação clara impossível; essa confusão insidiosa parece influenciar a percepção das pessoas, gerando incerteza e impotência.

2 METODOLOGIA

Para a finalidade de propor uma taxonomia, foi necessário buscar saber *como se parece uma desinformação ou informação falsa*. Assim, para a coleta de dados, conduzimos entrevistas gravadas por meio de aplicativo de *smartphone*. As entrevistas foram realizadas individualmente, com duração média de 5 minutos, e tiveram o consentimento dos participantes para gravação de áudio. Os respondentes foram escolhidos aleatoriamente⁴ e foram questionados sobre a percepção e identificação de desinformação e *fake news* a partir da pergunta: “Há alguma palavra que vem à sua mente quando você vê uma informação que parece ser falsa ou parcialmente falsa?”.

4 Questionário conduzido em 14/07/2024. Todos os respondentes são motoristas de aplicativos em horário de folga, sem prévio aviso ou preparo. As respostas foram transcritas a partir da gravação das falas das entrevistas.

Conduziu-se, assim, um questionário não estruturado cujos respondentes são 6 pessoas entre 30 a 50 anos, sendo 3 mulheres e 3 homens. As falas foram transcritas, resumidas e processadas de forma a retirar repetições e vícios de linguagem.⁵ Para a análise do conteúdo dos áudios, utilizou-se a ferramenta de Inteligência Artificial Claude⁶, que facilitou a identificação de padrões e temas recorrentes. Em seguida, procedeu-se à codificação dos dados, com a criação de categorias analíticas relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Os resultados do questionário foram sistematizados no Quadro 1 e foram interpretados à luz da literatura sobre esquemas de duplo vínculo propostos por Epstein (1993), buscando elucidar os elementos que dificultam a identificação desses fenômenos.

Quadro 1: Questionário - Palavras associadas à *fake news* ou desinformação

Pergunta: “Há alguma palavra que vem à sua mente quando você vê uma informação que parece ser falsa ou parcialmente falsa?”	
Pessoa 1 “Acho que <i>fake news</i> são coisas que colocam na cabeça do povo para incentivar violência. Coisas como benefícios [do governo], a gente vê pelo site. Mas eu não sei dizer qual a palavra para isso, que me faz ver que é falso, sabe?”	Palavras-chave identificadas: “fake news”; “mentira”. Percepção de desinformação: O entrevistado define <i>fake news</i> como informações que são “colocadas na cabeça” das pessoas para incitar a violência. Esta definição foca na intencionalidade e no impacto das notícias falsas, o que sugere uma visão da desinformação como ferramenta para manipulação e dano social. Observações adicionais: Expressa incerteza sobre como identificar informações falsas (“eu não sei dizer qual a palavra para isso”), o que mostra falta de critérios claros para distinguir entre informações verdadeiras e falsas.
Pessoa 2 Eu acho que é uma falta de atenção na internet.	Palavras-chave identificadas: “farsa”; “golpe”;

5 A íntegra dos áudios está disponibilizada em arquivo enviado junto com a submissão deste artigo.

6 Escolhemos Claude AI por sua capacidade de interpretar nuances, ironia, contexto cultural e emocional para diálogos em linguagem humana, capturando significados implícitos e a forma como algo é dito, além de identificar padrões de fala e emoções.



<p><i>Eu identifico como uma farsa pelas propagandas erradas, falando que é uma coisa e é outra ou algo escrito errado. Promoções de lojas, por exemplo. Mas parece tão real que parece verdade, é difícil identificar. Nenhuma palavra. Hoje eles estão cada vez melhores em fazer isso.”</i></p>	<p>errado.</p> <p>Percepção de desinformação: O entrevistado aponta que a desinformação prospera devido à falta de atenção dos usuários. Reconhece sua dificuldade de identificar informações falsas e que podem parecer realistas e são aprimoradas. Quando perguntado sobre palavras específicas para identificar desinformação, responde com “nenhuma palavra”, em vez de marcadores linguísticos específicos.</p> <p>Observações adicionais: Utiliza a palavra “farsa” e descrições de propaganda enganosa. A resposta indica um nível de alfabetização midiática, mas também sua crescente dificuldade de detecção.</p>
<p>Pessoa 3</p> <p><i>“Corrupção, milícia, bolsonarismo, Câmara dos Deputados, Senado, Brasília, Presidência. Todo o sistema político inicia baseado em atrocidades geradas através das fake news, como o livro 1984, a gente vai associando a palavra ao duplo sentido.”</i></p>	<p>Palavras-chave identificadas: “fake news”; “corrupção”, “milícia”, “bolsonarismo”.</p> <p>Percepção de desinformação: O entrevistado vincula as <i>fake news</i> diretamente ao sistema político e as descreve como geradoras de “atrocidades”, implicando consequências negativas severas. Acredita que todo o sistema político é baseado em notícias falsas e menciona o livro 1984 de George Orwell, traçando um paralelo entre o mundo distópico descrito na obra e a situação política atual e menciona a manipulação da linguagem associada a duplo sentido, indicando que as palavras têm significados ocultos ou alterados no discurso político.</p> <p>Observações adicionais: Há uma forte implicação de que notícias falsas são um componente fundamental do sistema político, sugerindo que se trata de uma situação sistêmica, e não ocorrências isoladas de desinformação.</p>
<p>Pessoa 4</p> <p><i>“Inacreditável, a capacidade de falar algo que é mentira e até onde isso vai, mas eu acho que a gente tem que informar mais as pessoas para terem um senso crítico das coisas. Eu analiso as informações pela minha vivência em tudo o que</i></p>	<p>Palavras-chave identificadas: “mentira”, “senso crítico”, “informações”.</p> <p>Percepção da desinformação: O entrevistado manifesta surpresa na capacidade de propagação de mentiras (“inacreditável”) e</p>



<p><i>busco na internet, porque é muito mais fidedigno do que aquilo que se vê no jornal oficial. Acho que o vídeo é muito mais impactante. Às vezes é a forma como a pessoa fala, a entonação, a gente vê um barulho que causa sensação ou chama a atenção.”</i></p>	<p>parece se preocupar sobre o quão longe a desinformação pode se espalhar. Afirma que é preciso ter pensamento crítico a partir da educação. Cita a experiência pessoal como base para analisar a informação; a internet é vista como uma fonte mais confiável do que as notícias oficiais, o que sugere desconfiança das fontes de mídia tradicionais.</p> <p>Observações adicionais: Há ênfase na responsabilidade pessoal na avaliação de informações, confiando nas próprias experiências e pensamento crítico.</p>
<p>Pessoa 5</p> <p><i>“É a ignorância (4x) das pessoas. Elas observam pouco e falam mais. Errado é as pessoas não terem estudado. Às vezes é a falta de conhecimento, elas observam pouco e contra fatos não há argumentos. Pode ser uma palavra ou os gestos. Eu vou no fato, buscar uma segurança no fato. Tudo te roubam, menos o conhecimento. tem que ir atrás de fatos. Mas ninguém procura fazer mal, é só falta de estudo e conhecimento.”</i></p>	<p>Palavras-chave identificadas: "Ignorância"; "falta de conhecimento"; "fatos".</p> <p>Percepção da desinformação: O entrevistado atribui a propagação de desinformação à ignorância, enfatizando várias vezes a falta de conhecimento. Sugere uma abordagem baseada em evidências, em fatos, e enfatiza o valor da educação. Menciona que a desinformação pode ser identificada também através de gestos.</p> <p>Observações adicionais: O entrevistado ameniza a intenção prejudicial de quem propaga desinformação; não o faz por mal, mas por ignorância.</p>
<p>Pessoa 6</p> <p><i>“É algo obscuro, que não acrescenta nada para a sociedade. A fake news é muito bem feita, é difícil saber no primeiro momento se é realidade, é muito bem produzida e nos convence e até deixa na dúvida com seus pensamentos. Tem que ter conhecimento sobre o tema para duvidar, porque é uma mentira que transpõe uma verdade.”</i></p>	<p>Palavras-chave identificadas: “fake news”; “obscuro”; “mentira”; “verdade”.</p> <p>Percepção de desinformação: O termo <i>fake news</i> é explicitamente mencionado e descrito como algo obscuro que não agrega valor à sociedade. O entrevistado enfatiza a natureza bem elaborada e convincente das notícias falsas, dificultando sua identificação imediata. Observa que as notícias falsas podem criar dúvidas e até mesmo desafiar os próprios pensamentos, destacando seu poder persuasivo.</p> <p>Observações adicionais: As notícias falsas são caracterizadas como uma mentira que parece verdade, enfatizando sua natureza enganosa., sugerindo uma forma sofisticada de engano, em vez de simples desinformação.</p>



Fonte: Elaboração própria (12/07/2024).

3 RESULTADOS DA PESQUISA

A análise das entrevistas mostra que a percepção em relação ao fenômeno da desinformação pode ser difícil de expressar. Nenhum dos entrevistados respondeu com termo ou palavra que tivesse visto, escutado ou lembrasse. No entanto, todas disseram, através de sua visão pessoal, o que entendem por desinformação e *fake news*. Ou seja, apesar de não conseguirem apontar signo ou qualquer termo que pudesse ser associado, e mesmo sem quaisquer lembranças de elementos que caracterizassem o fenômeno, tampouco do conteúdo a que foram expostas, os entrevistados tentaram construir um significado como resposta através de seu discurso próprio.

Em todos os casos, a *não ocorrência* de palavras ou qualquer elemento identificador do que constitui uma informação deformada ou *fake news* sugere que o seu reconhecimento cognitivo e sua expressão verbal podem ser tarefas complexas e árduas. De fato, foi surpreendente notar que o fenômeno não cristalizou traços semânticos que possam identificá-lo. Entretanto, este estudo abrange apenas seis participantes. Logo, embora os dados coletados possam indicar uma tendência, não é possível afirmar que a sétima pessoa não apresentaria uma resposta diferente, conforme já ilustrou Hume⁷. Portanto, a amostra reduzida limita a capacidade de generalização dos resultados e enfatiza a necessidade de cautela ao interpretar as conclusões.

A partir destes pressupostos, com base na dificuldade dos entrevistados em reconhecer palavras relacionadas a informações enganosas e *fake news*, pensamos ser possível construir uma taxonomia lógica ou anatomia da desinformação.

⁷ Em sua obra *Tratado da Natureza Humana* (1739-1740), David Hume argumenta que a experiência não pode ser generalizada a partir de um número limitado de observações. Ele ilustra essa ideia com o exemplo dos cisnes: mesmo que se tenham observado seis cisnes brancos consecutivamente, isso não implica que o próximo cisne não possa ser preto.



Seguindo modelos e esquemas similares de códigos propostos por Epstein (1993), propomos na sequência a dissecação desses organismos informacionais.

4 PROPOSTA DE UMA ANATOMIA DA DESINFORMAÇÃO E DAS *FAKE NEWS*

A partir da compreensão do Código Paradoxal e dos efeitos colaterais da situação de duplo vínculo comunicacional, fica mais claro por que os respondentes do questionário não conseguiram identificar uma palavra que caracterizasse desinformação ou *fake news*. Afinal, tratam-se de conteúdos que tornam a verdade relativa, dúbia e contestável, dificultando a capacidade humana de discernir entre o que é verdadeiro e o que é enganoso. Assim, para contribuir para o estudo da desinformação, propomos nomear determinados elementos destes fenômenos através da seguinte taxonomia:

Fake news

<Informação> + <**Distorção Intencional**> + <Narrativa Atraente> = *Fake News*
Exemplo: “Vacinas contra a COVID-19 causam infertilidade em mulheres”.

Informação: O conteúdo parte de fatos reais, mas é distorcido intencionalmente.

Distorção Intencional: Há alteração deliberada dos fatos com o objetivo de enganar.

Narrativa Atraente: A apresentação do conteúdo é emocional e envolvente para atrair a atenção do público.

Análise dos componentes:

<Informação>: As vacinas contra a COVID-19 foram desenvolvidas e testadas cientificamente, com eficácia demonstrada em estudos clínicos.

<Distorção Intencional>: A informação é manipulada para sugerir que as vacinas têm efeitos colaterais graves, como a infertilidade, sem qualquer base científica.



<Narrativa Atraente>: Apela para medos e preocupações sobre a saúde reprodutiva, utilizando um *tom alarmista* para provocar uma reação emocional e a compartilhar a informação sem verificar a veracidade.

Desinformação

<Informação> + <Criação Intencional> + **<Interesses Ocultos>** = Desinformação
Exemplo: “A vacina contra a COVID-19 contém microchips para rastrear a população”.

Informação: Vacinas são desenvolvidas para proteger contra doenças.

Criação Intencional: A afirmação de que vacinas contêm microchips.

Interesses Ocultos: Promover teorias de conspiração e desconfiança em relação à vacinação. Motivações políticas, ideológicas ou comerciais.

Análise dos componentes:

<Informação>: As vacinas contra a COVID-19 foram desenvolvidas para prevenir a infecção pelo vírus e foram submetidas a rigorosos testes de segurança e eficácia.

<Criação Intencional>: Afirma que as vacinas contêm microchips sem qualquer base científica.

<Interesses Ocultos>: Desestabilizar a confiança pública nas vacinas e nas instituições de saúde, gerar medo, raiva e indignação; contribui para a polarização política.

Em complemento, é importante ressaltar que o esquema proposto serve como um modelo heurístico destinado a estabelecer uma base estrutural inicial que possa auxiliar na identificação de desinformação e *fake news*, funcionando como ferramenta de apoio e não como solução definitiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui proposta revela a complexidade e os desafios do reconhecimento de informações deformadas, cujos componentes principais são



marcados por distorção intencional, interesses ocultos e apelo emocional. Tais estruturas operam sutilmente e dificultam sua retenção e compreensão pelas pessoas, gerando efeitos paradoxais na memorização e identificação dessas informações enganosas.

A pesquisa demonstrou tal dificuldade em verbalizar palavras e outros elementos que caracterizassem a desinformação, evidenciando que, muitas vezes, esse fenômeno não deixa traços semânticos claros. A proposta de taxonomia que apresentamos busca capturar essas estruturas operativas e criar um sistema de classificação que ajude a Ciência da Informação a elucidar o funcionamento da desinformação em um ambiente digital complexo, em que o senso de realidade e a capacidade de distinguir fato de ficção se torna cada vez mais difícil.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M. T. C. *Dimensões da palavra*. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998.

CAPURRO, R. *Epistemologia e Ciência da Informação*. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, vol. 5, 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 18 jul. 2024.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. *O conceito de informação* (Trad.). Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007..

EPSTEIN, I. *Gramática do Poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

FRIGGERI, Adrien; ADAMIC, L. A.; ECKLES, Dean; CHENG, Justin. Rumor cascades. *Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media*, v. 8, n. 1, p. 101-110, maio 2014. DOI: 10.1609/icwsm.v8i1.14559.

HJØRLAND, B. *What is Knowledge Organization (KO)?* In: Knowledge Organization, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2023.

LAIPELT, R.; MONTEIRO-KREBS. *Termos sob a superfície*. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2021.



SAID, Gustavo Fortes; LIMA, Camila Calado; ALVES, Thiago Meneses. *A escola de Palo Alto e os paradoxos comunicacionais*. Comunicologia, Brasília, UCB, v. 10, n. 2, p. 70-84, jul./dez. 2017.

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. *History and foundations of Information Science*. Annual Review of Information Science and Technology, v. 12, p. 248-275, 1977.

SCHNEIDER, M. *A Era da Desinformação*. São Paulo: Garamond, 2022.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news on line. *Science*, Washington DC, v. 359, issue 6380, p. 1146-1151, 09 mar. 2018.

DOI: 10.1126/science.aap9559. Disponível em:

<https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559>. Acesso em 10/09/2024.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. *Pragmática da Comunicação Humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 1973.